

PERSPECTIVAS GEOGRÁFICAS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO

Severino Tiago da Silva; Priscila Morgana Galdino dos Santos; Janine Marta Coelho Rodrigues

Universidade Estadual da Paraíba- Severino.silva1@professor.pb.gov.br

Universidade Federal da Paraíba- Priscila2085@hotmail.com

Universidade Federal da Paraíba- jmcoelho@ig.com.br

Resumo: Neste trabalho, busca-se compreender a educação do campo a partir de seus atores e nos mais diversos espaços geográficos, entendendo educação do campo como resultado das lutas sociais e como política pública em resposta aos anos de omissão do Estado em relação ao campo e aos seus filhos e filhas. Para tanto, o campo de pesquisa escolhido foi bastante propício, pois possibilitou a investigação in loco, por ser uma escola situada na zona urbana com predominante demanda do campo. Trata-se da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Renato Ribeiro Coutinho, localizada na cidade de Alhandra- PB, que tem nos seus quadros um contingente significativo de alunos do campo e, nesse contexto, cabe a discussão sobre como se dá a recepção desses sujeitos a partir da implementação de uma proposta pedagógica voltada aos anseios e interesses do campo e do seu povo. Propõe-se analisar a realidade dos alunos originados do campo, demonstrando a receptividade destes alunos na Escola; sua realidade pedagógica, verificando as condições da escola para oferecer uma formação adequada a estes alunos. O que se pretendeu foi elaborar uma análise sobre o atendimento das demandas da educação do campo na escola urbana. Nesse sentido cumpre, inicialmente, questionar se é possível uma educação do campo numa escola urbana. A escola campo de pesquisa tem demonstrado isso no atendimento aos alunos do campo? Os professores têm considerado a origem de seus alunos no planejamento de suas práticas educativas? Ou são indiferentes? Se são indiferentes, por que o são?

Palavras-chave: Educação do campo; Movimentos sociais; Espaço geográfico; Território.

Introdução

O tema proposto para o trabalho procura, desenhar/mapear o quadro pedagógico-receptivo dos educandos do campo que frequentam a escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Renato Ribeiro Coutinho, localizada na cidade de Alhandra- PB, para descobrirmos a maneira como a escola urbana trabalha o universo campesino desses jovens e, antes de tudo, saber se realmente trata da realidade desses meninos e meninas a partir da percepção que eles mesmos têm acerca do campo, e se suas visões foram modificadas pelo contato com uma educação que se faz prioritariamente para o jovem urbano e desconsidera o jovem do campo. Tudo isso numa perspectiva libertadora, pois, o jovem do campo é um sujeito de direitos para o qual Freire (1988) sugere

A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá, dois momentos distintos. O primeiro em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transforma a realidade opressora, essa pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação. (FREIRE, 1988, p. 23)

(83) 3322.3222

contato@conadis.com.br

www.conadis.com.br

A compreensão que se encontra sobre educação do campo na bibliografia nacional é bastante diversa. Educação do campo, antes de tudo, é uma categoria analítica. Caldart (2007, p. 70) considera ser Educação do Campo “um conceito em movimento como todos os conceitos, mas, ainda mais porque busca apreender um fenômeno em fase de constituição histórica”. Sendo assim a autora percebe inicialmente várias aproximações:

Há então quem prefira tratar da Educação do Campo tirando o campo (e seus sujeitos sociais concretos) da cena, possivelmente para poder tirar as contradições sociais (o “sangue”) que as constituem desde a origem. Por outro lado, há quem queira tirar da Educação do Campo a dimensão da política pública porque tem medo que a relação com o Estado contamine seus objetivos sociais emancipatórios primeiros. Há ainda quem considere que o debate de projeto de desenvolvimento de campo já é Educação do Campo. E há aqueles que ficariam bem mais tranquilos se a Educação do Campo pudesse ser tratada como uma pedagogia, cujo debate originário vem apenas do mundo da educação, sendo às vezes conceituada mesmo como uma proposta pedagógica para as escolas do campo. (CALDART, 2007, p. 70-71).

Objetivamente, educação do campo constitui um processo amplo de educação que vislumbra a formação integral do homem e da mulher do campo, longe de se referir apenas a uma proposta pedagógica, ou mesmo a escola assentada no campo, ou ainda, exclusivamente a tradicional educação rural. Entendida dessa forma e longe de qualquer conceituação simples e fechada, educação do campo tem que ser pensada a partir de/e com os homens e mulheres do campo na sua vivência econômica, social e cultural.

.O interesse pela pesquisa se justifica com o alinhamento da vida acadêmica e profissional a uma proposta que pretende contribuir de forma significativa para a compreensão da educação do campo e de seus atores, sempre buscando a superação necessária de qualquer ingenuidade que até então possa se apresentar. Corresponde, então, a um saber-prática característico do professor pesquisador, que ao passo que procura entregar ao seu aluno o caminho da autonomia para a superação do senso comum, busca o sentido das coisas que o rodeia pela responsabilidade ética que carrega em sua práxis.

Esse estudo tem como objetivo geral compreender o processo de inclusão dos estudantes do campo na escola urbana e suas implicações no processo formativo do indivíduo e apresenta os seguintes objetivos específicos:

- Distinguir educação do campo e escola do campo, compreendendo as demandas de ambas e refletindo sobre seus papéis;

- Verificar a efetividade no uso dos saberes do campo na prática educativa docente na escola urbana, considerando a validade desse processo;
- Identificar as dificuldades do processo educativo enfrentadas por estudantes oriundos do campo e por professores da cidade;
- Investigar as condições em que é processada a educação de jovens e adultos do campo na escola urbana, discutindo as necessidades da escola do campo ou da educação do campo na escola urbana.

Metodologia

O trabalho foi realizado pelo enfoque quantitativo- qualitativo e para a coleta de dados foi utilizado questionários para a análise dos atores pesquisados. Passamos a analisar os questionários aplicados num estudo quantitativo-qualitativo como já indicamos. Essa fase corresponde especificamente à apreciação dos dados colhidos em campo, não só os questionários, mas também os dados relativos ao próprio campo de investigação.

A pesquisa em tela constitui um trabalho qualitativo aplicado à medida que, tal como observam KAUARK et al. (2010, p. 26), “objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigida à solução de problemas específicos, envolvendo verdades e interesses locais”. Isto se revela quando do campo da pesquisa, do objeto pesquisado, a saber, uma escola urbana, com alunos do campo que a frequentam.

O trabalho de cunho documental foi conduzido a partir de levantamento de dados referente à escola estudada, a exemplo do último censo escolar e do Projeto Político Pedagógico. Tal proposta é abordada por NEVES (1996, p. 03) ao afirmar que “a pesquisa documental é constituída pelo exame de materiais que ainda não receberam um tratamento analítico ou que podem ser reexaminados com vistas a uma interpretação nova ou complementar”.

Portanto, o que se pretendeu nessa fase da pesquisa foi uma análise com vistas aos documentos da escola-campo para levantamento estatístico e do perfil da escola e do seu corpo docente e discente. Em seguida focou-se no trabalho de campo propriamente dito desenvolvido na EEEFM Comendador Renato Ribeiro Coutinho, no município de Alhandra-PB. Nessa fase, foram dirigidos questionários mistos com questões que conduzem a respostas abertas e aqueles que se apresentam fechado com questões de múltipla escolha que mensuraram opiniões e sentimentos de alunos e professores sobre o processo educativo, procurando minimizar a ocorrência de vieses. Aqui, cada sujeito pesquisado se propôs a responder os questionários com consentimento livre e esclarecido.

(83) 3322.3222

contato@conadis.com.br

www.conadis.com.br

Os sujeitos participantes dessa fase foram escolhidos seguindo alguns critérios que consideramos relevante na construção de uma análise mais eficaz sobre o objeto estudado. São estudantes, oriundos da zona rural, a partir dos 16 anos de idade, regularmente matriculados no ensino médio regular e na Educação de Jovens e Adultos. Quanto aos professores, esses foram convidados a participar com o critério único de lecionarem nas turmas de ensino médio dos turnos vespertino e noturno, em que se apresenta a maior demanda de alunos do campo.

Resultados e Discussão

A educação do campo deve ser pensada como política pública, construída para superar essas lacunas, não como política compensatória, desprovida de qualquer conteúdo estruturante, isto é, pensar educação do campo como política paliativa não é o caminho correto, é preciso rever isso e tornar esse debate pauta, por exemplo, do Plano Nacional de Educação, como já tem ocorrido em decorrência dos resultados obtidos pelos movimentos sociais. Pois, a luta pela educação do campo visa à superação daquele descaso dos governos para com o campo e seus filhos, objetivando também a rompimento com a aquela educação atrelada aos interesses elitistas, seja do campo ou da cidade, conforme corrobora Santos (s.n.t.):

A superação da educação rural vista apenas como uma formação mercadológica e a recente concepção de educação do campo foram constituídas por uma longa trajetória de lutas e discussões no interior dos movimentos sociais, das entidades, representações civis, sociais e dos sujeitos do campo. A mudança na compreensão desse conceito reflete muito mais do que uma simples nomenclatura. Ela é inevitavelmente o resultado de um olhar politicamente referendado na busca pelos direitos sociais e na defesa da seguinte trilogia: educação, sociedade e desenvolvimento, fatores indispensáveis para a concretização de projetos político-pedagógicos que busquem encarar a realidade e atender as necessidades das populações do campo. Sendo assim, essas são ações que pressionam as lideranças governamentais na criação e organização de políticas públicas para os trabalhadores e trabalhadoras do campo. (SANTOS, s.n.t.)

Os jovens do campo operam com os significados construídos pela tradição camponesa, dinamicamente reinventada a partir dos saberes modernos. É no cotidiano marcado pelo trabalho que esses jovens se distinguem entre si e em relação aos urbanos, opinião corroborada em Coelho (2007), para quem a cultura urbana e a rural são diferentes, mas complementares.

O que podemos constatar é a presença mínima, quase invisível, pouco sentida, dos movimentos sociais na luta permanente por uma educação do campo. Um dos problemas da consolidação da educação do campo e da eficiência nos seus resultados qualitativos consiste

(83) 3322.3222

contato@conadis.com.br

www.conadis.com.br

justamente na acomodação dos sujeitos do campo e de seus movimentos representativos, provocada pela conquista da terra, concretizada no fim do acampamento e no início do assentamento. A educação do campo se dá não somente na escola rural, mas no próprio movimento e na própria luta, como vimos em Fernandes (2002), aqui, no campo, ela parece ser vista apenas na escola e a luta se volta pouco para a operação da transição de consciências, já dita em Freire (1988; 1996), e para a promoção das transformações sociais almejadas. Se os movimentos camponeses não silenciam por completo, resta para o trabalho destes a tarefa de apenas consolidar o assentamento.

Nesse quesito os professores apresentaram certa dificuldade em associar a educação do campo a uma política pública e aos resultados das lutas travadas no seio da sociedade brasileira pelos movimentos sociais, especialmente os rurais. Aqui o que se pretendeu foi aferir de algum modo o grau de importância que esses docentes dão ao tema. Diante disso, o que podemos constatar foi um desprezo pela temática por parte de poucos professores. Os alunos pesquisados se sentem bem no campo, enxergam mais vantagens que desvantagem na vida que ali levam e recorrem pouco a quadros pejorativos de suas representações sociais.

Conclusões

A educação do campo compreendida como política pública e resultado das lutas dos movimentos sociais, em especial os movimentos de camponeses, tem importante missão nesses dias em que o campo se esvazia de gente e se densa de capital nos seus quatro cantos. Deve assumir o compromisso da continuidade da luta com homens e mulheres, meninos e meninas da terra contra a exploração, contra a dominação econômica e tecnológica que arrasta e arrasa vidas e modos de vida, gentes e culturas.

A escola, parte integrante, complementar, desse amplo processo educativo, esteja ela situada no campo ou na cidade, não pode se omitir diante de uma realidade em que o mundo rural brasileiro se encontra, com uma grande desigualdade social, com o latifúndio expropriando trabalhadores e carregando consigo a dignidade desses homens e mulheres que vivem da terra. A escola, portanto, tem responsabilidade com os filhos da terra na promoção da educação do campo, no campo e para o campo para superação da ingenuidade e da consciência oprimida, através de um currículo que prestigie a zona rural e de uma escola que exercite a alteridade, se abra a pluralidade e viva a diversidade.

Diante disso, o que se verificou em campo foi um quadro de omissão, de silenciamento naquela escola, resultante da ausência de políticas públicas para a educação do

campo e para o seu povo. A carência de um currículo voltado aos saberes do campo, a necessidade da formação continuada para aqueles profissionais, a falta de sensibilidade necessária para com tais demandas, para com a luta na terra e pela terra, tudo isso são problemas perceptíveis que fazem de uma escola com tão grande número de alunos vindos do campo, fazem uma escola eminentemente urbana, feita e aberta aos filhos da cidade. Quanto aos sujeitos do campo que a frequentam, cabe a esses a adaptação, a adequação ao espaço, ao tempo e aos interesses da cidade.

Fica evidente, contudo, que o contexto descrito resulta, não muito da prática docente descompromissada, mas mesmo da própria ausência do Estado na construção de políticas públicas direcionadas e das dificuldades encontradas na caminhada e no processo de ensino-aprendizagem que há muito relega o assunto, especialmente da falta de preparo adequado para o tratamento do tema, já que encontramos um número expressivo de professores que reconhecem a necessidade de uma escola para a prática da educação do campo, sem, contudo, na suas *práxis* trazer à sala a devida abordagem. A escola, em seus agentes operadores da educação, sua gestão e seus docentes, por sua vez, também não demonstra habilidade e/ou interesse para com a construção de um projeto de educação do campo, não apontando as dificuldades que possa enfrentar na concretização disso e nem discutindo possibilidades de enfrentamento do problema.

Tais dificuldades provocam a ineficiência dos movimentos sociais em continuar a luta pela promoção de uma escola de qualidade para o campo, quando da acomodação desses depois da conquista do assentamento. Não significa que esses movimentos não obtiveram sucesso, pelo contrário, mas apenas que as lutas costumam focar muito mais na conquista da terra, o que não é pouco, e nos resultados sociais primeiros, até mesmo da conquista da escola, em detrimento dos aspectos qualitativos, de promoção de uma cidadania para os camponeses.

Apesar de um quadro de involução constatado no tocante a materialização de uma educação do campo, é possível identificar um ambiente de resistências ante todas as forças imperiosas que provocariam um processo educativo que se mostra excludente, ou pelo menos inadequado àquela população. Isto é, a operacionalização de um processo de ensino-aprendizagem desinteressado ou desalinhado dos anseios dos seus sujeitos produziria consequências desastrosas a esses, não contribuindo para a transição das consciências ou para o fim da opressão. No caso, contudo, aqueles jovens preservam o gosto pela terra, valorizam

sua estadia no campo e têm uma autoestima que minimiza os efeitos contrários da escolarização inadequada.

Portanto, a escola urbana não pode se eximir da responsabilidade que tem com um projeto de educação do campo e encará-lo como desnecessário, como facultativo ou mesmo desconsiderá-lo. A escola precisa se posicionar para não correr o risco de aprofundar a exploração e a opressão de trabalhadores e trabalhadoras da terra. Ou toma essa atitude de compromisso com esse projeto ou acaba por diminuir significativamente a sua principal função social, a saber, a formação para o exercício pleno da cidadania.

Percebe-se, então, que a escola urbana não está aberta aos filhos do campo, nem se encontra preparada para recebê-los. As necessidades de uma escola, rural não é prioridade nesse instante, sem negar a importância de seu papel, mas dada as dificuldades infraestruturais de agrupar os meninos e meninas dos mais diversos e distantes sítios, faz-se necessário nesse momento investir na própria escola urbana, onde a convivência com a pluralidade colabora para a formação desses sujeitos do campo. A escola urbana, destarte, pode e deve se inscrever no projeto da educação do campo.

Referências

CALDART, R. S. Por uma educação do campo: traços de uma identidade em construção. In: ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna (Org.). **Por uma educação do campo**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

COELHO, José Antenor Viana. Cultura urbana e cultura rural: diferentes olhares. Anais da III JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS. São Luís, 28 a 30 de agosto 2007. Disponível em: <<http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinppIII/html/Trabalhos/EixoTematicoG/0162c43e3e75a9e794f3JOSE%20ANTENOR%20VIANA%20COELHO.pdf>>. Acesso em: 11 abr. 2014.

_____. Por uma educação do campo. In: FERNANDES, Bernardo Mançano; SANTOS, Clarice Aparecida dos (Org.). **Educação do Campo**: campo - políticas públicas - educação. Brasília: Incra, 2008. (NEAD Especial; 10). Disponível em: <http://www.nead.gov.br/portal/nead/nead-especial/download_orig_file?pageflip_id=5813558>. Acesso em 20 maio 2014.

_____. Sobre Educação do campo. 2007. Disponível em: <http://www.ufes.br/educacaodocampo/down/cdrom1/ii_03.html> Acesso em: 23 novembro 2014.

_____. **Por uma educação do campo**: Traços de uma identidade em construção. Petrópolis: Vozes, 2004.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Diretrizes de uma caminhada. In: Kolling, Edgar Jorde et al. (Org.). **Educação do Campo**: identidade e políticas públicas. Brasília: Articulação nacional Por Uma Educação do Campo, 2002. (Coleção Por Uma Educação do Campo, 4).

_____. **Os campos da Pesquisa em Educação do Campo**: Espaço e território como categorias essenciais. São Paulo, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz & Terra, 1988.

KAUARK, Fabiana da Silva; MANHÃES, Fernanda Castro; MEDEIROS, Carlos Henrique. **Metodologia da pesquisa**: guia prático. Itabuna: Via Litterarum, 2010.

NEVES, José Luis. Pesquisa Qualitativa - Características, Usos e Possibilidades. **Caderno de Pesquisas em Administração**, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 1-5, 1996. Disponível em: <http://www.dcoms.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/pesquisa_qualitativa_caracteristicas_usos_e_possibilidades.pdf>. Acesso em: 19 maio 2014.